

António  
Lobo Antunes  
A Última  
Porta Antes  
Da Noite







**A ÚLTIMA PORTA  
ANTES DA NOITE**

#### **OBRAS DE ANTÓNIO LOBO ANTUNES**

MEMÓRIA DE ELEFANTE, 1979 | OS CUS DE JUDAS, 1979 | CONHECIMENTO DO INFERNO, 1980 | EXPLICAÇÃO DOS PÁSSAROS, 1981 | FADO ALEXANDRINO, 1983 | AUTO DOS DANADOS, 1985 | AS NAUS, 1988 | TRATADO DAS PAIXÕES DA ALMA, 1990 | A ORDEM NATURAL DAS COISAS, 1992 | A MORTE DE CARLOS GARDEL, 1994 | O MANUAL DOS INQUISIDORES, 1996 | O ESPLENDOR DE PORTUGAL, 1997 | LIVRO DE CRÓNICAS, 1998 | EXORTAÇÃO AOS CROCODILOS, 1999 | NÃO ENTRES TÃO DEPRESSA NESSA NOITE ESCURA, 2000 | QUE FAREI QUANDO TUDO ARDE?, 2001 | SEGUNDO LIVRO DE CRÓNICAS, 2002 | BOA TARDE ÀS COISAS AQUI EM BAIXO, 2003 | EU HEI-DE AMAR UMA PEDRA, 2004 | TERCEIRO LIVRO DE CRÓNICAS, 2005 | ONTEM NÃO TE VI EM BABILÓNIA, 2006 | O MEU NOME É LEGIÃO, 2007 | O ARQUIPÉLAGO DA INSÓNIA, 2008 | QUE CAVALOS SÃO AQUELES QUE FAZEM SOMBRA NO MAR?, 2009 | SÓBOLOS RIOS QUE VÃO, 2010 | QUARTO LIVRO DE CRÓNICAS, 2011 | COMISSÃO DAS LÁGRIMAS, 2011 | NÃO É MEIA NOITE QUEM QUER, 2012 | QUINTO LIVRO DE CRÓNICAS, 2013 | CAMINHO COMO UMA CASA EM CHAMAS, 2014 | DA NATUREZA DOS DEUSES, 2015 | PARA AQUELA QUE ESTÁ SENTADA NO ESCURO À MINHA ESPERA, 2016 | ATÉ QUE AS PEDRAS SE TORNEM MAIS LEVES QUE A ÁGUA, 2017 | **A ÚLTIMA PORTA ANTES DA NOITE, 2018**

# ANTÓNIO LOBO Obra Completa Edição *ne varietur* \* ANTUNES A ÚLTIMA PORTA ANTES DA NOITE

Romance  
1.ª edição

\* Edição *ne varietur* de acordo com a vontade do autor  
Fixação de texto  
Norberto do Vale Cardoso





**Publicações Dom Quixote**

uma chancela do Grupo Leya  
Rua Cidade de Córdova, n.º 2  
2610-038 Alfragide • Portugal

Reservados todos os direitos  
de acordo com a legislação em vigor

© 2018, António Lobo Antunes e Publicações Dom Quixote

**1.ª edição: Outubro de 2018**

**Paginação: Leya**

**Capa: Rui Garrido**

**Revisão: Ana Lúcia Parga**

**Impressão e acabamento: EIGAL**

**Depósito legal n.º 445 088/18**

**ISBN: 978-972-20-6607-5**

[www.leya.com](http://www.leya.com) / [www.dquixote.pt](http://www.dquixote.pt)

*A Última Porta Antes da Noite*

Romance

1.<sup>a</sup> edição

**Fixação de Texto**

Norberto do Vale Cardoso



**COBRADOR DO BILHAR**

Na manhã em que o meu cunhado faleceu foi ele mesmo quem me acordou ao telefone para dizer aflitíssimo que sonhara ter morrido essa noite enquanto eu, mais para lá do que para cá, embrulhado num sonho confuso que metia bichos e anões, estendia a mão livre, ainda não inteiramente minha, em busca das horas na cabeceira, que é onde as deixo ao deitar-me depois de tirar o tempo do pulso, muito mais rápido do que na província, tudo tem na cidade um movimento que me fez dar um pontapé na pequena que vive comigo e protestou logo, pastosa, a voltar-se de costas

– Agora nem penses que estou a dormir

reduzida a uma sombra comprida com um tufo de madeixas despenteadas na extremidade à vista enquanto eu abria e fechava os dedos na esperança de encontrar os ponteiros do relógio numa posição que me permitisse maldizê-lo para o Luxemburgo onde ele esperava que a polícia o esquecesse depois de um problema numa ourivesaria onde uma câmara espertalhona o pescou por intermédio de duas falangetas como um cabelo de mulher da gola e o mostrou, acusadora, à polícia

– Fazem o favor de me dizer o que é isto?

batendo o bico da pantufa no chão à medida que o meu cunhado, minúsculo no interior desta orelha, exprimia o desejo choroso de o enterrarem no cemitério onde a mãe fabricava azoto há séculos, visitei-o uma tarde e lembro-me de uma cadela de olhos atribulados a contornar campos sem descanso perseguida por um grupo de machos de vários tamanhos e feitios, um deles cegueta

(há pormenores sem importância alguma que, somos assim e pronto, a memória não larga)

todos com cinco patas, disse ao meu cunhado não te rales que é sinal de eternidade, procurando adormecer de novo com os machos de cinco patas na ideia, quer dizer não apenas cinco patas, no mínimo trezentos dentes cada um enquanto os meus se multiplicavam devagarinho na boca e o quarto se enchia de lápides, ciprestes e um bêbedo esparramado a cantar na mesa de pedra da entrada onde se poisavam os caixões, com o padre à frente e as pessoas atrás a rezar antes de se dirigirem para a sepultura enquanto a pequena que divide a cama comigo me afundava o cotovelo nas costelas

– Não insistas

eu que não imaginava o osso dela uma faca capaz de me rasgar por dentro e entretanto começavam os automóveis na rua, começavam vozes na paragem do autocarro, começava o dono do café a distribuir mesas de metal no passeio

(os cemitérios só de pensar ainda hoje me dão medo ou talvez não bem medo, uma contracção nas tripas)

que me arrepiavam enquanto a claridade nos intervalos dos estores dissolvia a pouco e pouco o escuro do quarto, olha a cómoda a nascer mais a fotografia dos meus pais em cima, olha o armário com um pedaço de manga entalado na porta e o meu apetite pela pequena a sumir-se porque nenhum outro dente suplementar em mim e a minha quinta pata um trapito, as madeixas dela vulgaríssimas, o verniz de uma das unhas estalado ou seja a vida, como de costume, sem graça embora de vez em quando lá se ganhe ao bilhar, nisto o telefone outra vez e eu surpreendido porque não me recordei logo

(sou lento)

de a campainha haver tocado uma hora antes nem da pequena a escapar-se, de olhos atribulados como os da cadela e o mesmo fio de baba que por um triz não me tombou pescoço abaixo, no bilhar consegui anteontem um macê em cheio e não furei o pano, a calcar o que era decerto a minha campá, presumo que com o meu nome e o meu retrato, meio apagado como sempre com os defuntos, sem metade do nariz nem parte de uma órbita mas a gravata, claro, nítida, as gravatas dos finados sempre nítidas e às risquinhas, podemos tirá-las nas calmas da película e estrangular-nos nelas, um macê perfeito, até o corcunda a assistir calado palavra de honra que aplaudiu, estendi-me na direcção do aparelho, os dentes, claro, tornaram a aumentar um bocadinho, a quinta pata confesso sinceramente que não pensei nela e entrou-me no canal auditivo a voz ainda mais gritada da minha irmã

– O Carlos bateu a bota mesmo agora a meio do pequeno almoço para além do macê fiz uma série de catorze o que não me acontecia há séculos, treze há dois anos em maio, onze perto do último Natal e enquanto eu a mirar o telefone de imediato dúzias de cães, centenas de cães, milhares de cães de mandíbula feroz, mordendo-se, perseguindo-se, trotando entre as lápides levando-me consigo, abandonando-me, apanhando-me de novo, largando-me por fim, sozinho, numa orla de canteiro seco, o meu cunhado nunca me ganhou ao bilhar embora lhe desse dez às vinte e cinco, ordenei à minha irmã

– Se calhar voltou-lhe o sonho da morte deixa-o ficar assim que um dia destes liga-nos

e até agora, já lá vão quinze meses, não ligou para mim nem para a minha irmã que voltou para casa dos nossos pais à espera e não nos ter chamado parece-me natural porque somos lentíssimos, na semana passada, por exemplo, depois de acabarmos com o homem no armazém, ao chegar a casa dormi mais de dezasseis horas seguidas, acordei quando uma voz me sacudiu

– Já chega

vestido em cima dos lençóis, de travesseiro nos olhos, joguei-o para a outra ponta do quarto e por um instante, imagine-se, quase me pareceu que ele braços e pernas, por um instante a certeza que ele

braços e pernas e um cheiro a pessoa que não era o meu visto não usar perfume, aguinha, sabonete e está a andar, mariquices uma ova, nessa tarde não dei uma para a caixa no bilhar, às vezes nem na primeira bola acertava quanto mais na segunda, não me atrevi a tentar nenhum macê, claro, a fim de não estragar o pano, o marreco que costumava gostar dos meus lances mudou a cadeira para a outra mesa, desprezando-me, junto à entrada do urinol onde um garoto de lata doirada fazia um chichi de lata doirada para um penico de lata doirada, em casa dos meus pais havia uma moldura minha, em pequeno, com caracóis como os dele e ora aí estão duas coisas que me abandonaram, os caracóis e os chichis em arco, nunca mais fui capaz de acertar no gargalo de uma garrafa de cerveja vazia e por muito que me sacuda no fim sobra sempre um pingo, um dia destes compro um par de óculos nos chineses porque as letras do jornal não param de se desfocarem, a partir dos trinta e cinco anos, como garante o meu pai, entre outubro e abril sempre de mantinha nos joelhos e o ouvido já duro, principiamos a cair, ele agora constantemente de palma em concha na orelha, desconfiado

– O quê?

olhando para a minha mãe, olhando para mim, a gente que por acaso nem estávamos a falar

– Nada

ele, suspeito

– Nada o tanas

éramos quatro na garagem não contando o homem frente à gente sempre a repetir

– Por favor vamos conversar por favor vamos conversar

e o irmão do doutor a tombá-lo com um pontapé, não conseguir uma para a caixa no bilhar deu-me vergonha, faltava o doutor que só iria ao armazém, o meu pai, inseguro

– O que disse o médico das minhas análises?

na garagem quase nenhum automóvel por enquanto, apenas o eco dos nossos passos e o cheiro do costume a gasolina e a borracha, o homem sentado no chão a mirar-nos, se eu estivesse em casa se calhar

acordava-me ao telefone para explicar que sonhara ter morrido e logo cinco patas em mim, trezentos dentes e um par de olhos atribulados fugindo-me, por pouco não perguntei aos meus colegas qual o motivo de não termos uma mesa de cemitério ali, a minha mãe para o meu pai

– Perdeste-lhe o jeito rapaz?

não, isso o corcunda dos bilhares, a minha mãe para o meu pai

– Enterras-nos a todos o que podes querer mais?

isto num segundo andar sem elevador que cheirava quase à minha avó, isto é a pessoa de idade e à alfazema das arcas, para visitá-la desciam-se uns degraus, atravessava-se uma espécie de tunelzito, alcançava-se um pátio com um tanque de lavar roupa com uma das pernas substituída por um tijolo, uma bicicleta encostada à parede, de pneus vazios, que não pertencia a ninguém e dois prediozitos de pintura descascada, escolhia-se o da direita e subia-se às escuras até um patamar onde um sorriso embrulhado em alfazema, mais baixo do que eu, nos esperava na salita designando um par de botas engraxadas a um canto

– Se o teu avô te tivesse conhecido melhor

e o sorriso tão leve que entrava e saía pela janela como aquelas sementinhas com pêlos a chamarem-me

– Catraio

e eu cheio de vontade que roçasse por mim, ainda hoje, às vezes, chega de mariquices, os meus pais não me levaram ao hospital para me despedir e realmente para quê se todas as primaveras entra pela janela, distingo-a logo no meio das outras sementes porque é a única que sorri, poisa na camilha, poisa na moldura do quadro, sai pela cortina, volta, torna a sair, não volta mais, desaparece lá fora, o que aconteceu às botas do seu pai, mãe, não as deitou no lixo pois não, tenho medo que a avó não apareça se as deitou no lixo, a minha mãe usa-lhe o anel que nem na ponta do mindinho me cabe, pus um sofazito na marquise na esperança que uma tarde destas vocês duas ali sentadas e eu tão feliz a oferecer-lhes um biscoito, uma tisana, não quero a mesa do cemitério, não quero os trezentos dentes e as cinco patas dos cães, não quero a paz enganosa das árvores, quero um outro silêncio no interior do meu, não conhecia o homem que matámos, disseram-me

– É aquele

e pronto, disseram-me

– É aquele a sair com a filha do carro

isto no interior da garagem de um prédio caro, sempre me fizeram impressão os ecos nas garagens vazias, as nossas solas subitamente enormes, o fole imenso da respiração a aproximar e a afastar as paredes, a quantidade de negrume nos intervalos das lâmpadas, os automóveis estacionados, meio ocultos na sombra, aguardando-nos, os reflexos dos faróis que nos espiavam de súbito e logo em seguida fingiam esquecer-nos, devem ter pálpebras que engrossam num instante ocultando os vidros, uma bicicleta de montanha apoiada num pilar, entrámos de furgoneta, logo a seguir ao homem, antes que a porta descesse e com o homem uma miúda a acenar-nos do vidro de trás, sempre acenei às crianças que acenam, todas com caracóis de metal doirado, a fazerem chichis de metal doirado para bacios de metal doirado e o corcunda a desprezar-me porque não consigo um macê, já nem jogo aliás, fico a ver os outros estudarem trajectórias, de taco vertical na mão, passeando em torno do pano, inclinando-se por fim, com uma das calças no ar, sobre a mesa do cemitério debaixo dos choupos, perdão, inclinando-se com uma das calças no ar sobre o rectângulo verde, esticados para diante, de sobancelhas unidas, na direcção de uma das bolas, com a ponta do taco para trás e para a frente na anilha do dedo, o corcunda, que deixou de me cumprimentar, oferece-me um soslaio de desprezo apenas, a mulher, às vezes, vem chamá-lo à entrada

– Madraço

haverá sementinhas este ano quando chegarmos a abril, abro sempre a janela na esperança que a minha avó entre

– Menino

e entra de facto

– Estás mais gordo estás mais magro tens dormido bem?

preciso de um bocadinho de cabelo no cocuruto, avó, que já se nota a pele, palavra que já se nota a pele, a esta hora um mendigo, com as botas do meu avô se calhar, a dormir junto à coluna de um

prédio, a roupa e o cobertor desbotados, podres, mas as botas resplandecentes, venho de uma sementinha peluda e de um par de botas resplandecentes, o meu pai sempre calado a enrolar a mortalha, éramos quatro numa furgoneta a estacionarmos ao lado do homem, o que uma garagem deforma os ecos e o som das vozes o homem para nós

– Por favor não toquem na miúda

e o irmão do doutor a hesitar, na manhã em que o meu cunhado faleceu foi ele mesmo quem me acordou ao telefone e os cães a trotarem, trotarem, a cadela sumiu-se numa sebe, reapareceu mais longe, continuou a marchar, onde estará agora com tantos dentes atrás, a pequena que mora comigo

– Chegas mais tarde hoje?

enquanto aquecia o café na mecha, faz limpezas num minimercado, o pai dela voltou num caixão da guerra em África ainda ela não nascera de modo que às vezes ia pedir-lhe ajuda ao cemitério comigo a perguntar-me com quantas cadelas grávidas, quantos cães de cinco patas se terá cruzado, a minha mãe para o meu pai

– Sempre com medo e vendes saúde maricas

um dos meus colegas trancou o fecho da garagem, outro a entrada para os elevadores, o interior da furgoneta cheirava a pescado, não, a chocos, com menos patas que os cães mas mais que os outros peixes, o homem para a gente

– Não façam mal à minha filha

e logo sementinhas a entrarem pela janela, pedidos deste género, palavra de honra, comovem, ir morrer e só pensar na filha diga-se o que se disser é bonito, a minha avó e a minha mãe, pessoas sensíveis, teriam gostado, talvez até viessem interceder por ele

– Deixa-o lá coitadinho

à cata de bolachas para a miúda numa caixa vazia com meia dúzia de migalhas no fundo, já o meu pai, por exemplo, compreendia-me melhor

– Serviço é serviço

ele que durante trinta anos se esfalfou com os guindastes no porto, ondas sujas, gaivotas imóveis contra o vento, o homem encostado ao

automóvel a pensar como fugir, olhando em torno e impossível fugir, de cotovelo erguido a defender-lhe a cara, guardou os óculos escuros no bolso do casaco e os olhos dois poços de terror, estivemos sem exagero uma hora à espera dele, parou numa loja, parou num café, parou em casa dos tios de onde saiu com o jantar num saco de plástico, ao entrar no automóvel a tia chegou-se à varanda a acenar adeus mais o tio de óculos na testa e jornal pendurado da mão que não acenou nada, percebia-se que desejoso de regressar ao sofá, não de sapatos, de chinelos porque a gota a dar sinal, acendendo e apagando uma luzinha, ainda sem dor, no terceiro dedo do pé esquerdo e finalmente aí tínhamos o homem espalmado contra o capô com a filha inquieta, sem entender, agarrada a ele

– Pai

não, em silêncio, a tentar esconder-se-lhe no casaco, qual dos dois tremia mais, quem tinha mais medo, numa garagem tantos ecos sempre, até as ideias se escutam, o doutor, não o que mandava, esse longe daqui, o irmão menos gordo, aproximando-se com um avental de chumbo, a minha avó

– Menino

sem me censurar, despenteava-me a franja e era tudo

– Não desistes de crescer

como se crescer um esforço da vontade, um defeito, eu, o meu pai que era baixote

– Já quase me comes as papas na cabeça tu

de modo que ao nível do meu prato e o cozido a escorrer-lhe pescoço abaixo, o irmão do doutor para nós

– Tirem-me daqui a miúda

com uma pancada na perna do, sementinhas, sementinhas, homem que o fez cair de joelhos, só lhe via a boca e um braço a alongar-se cimento fora, o ervanário para o irmão do doutor

– Sangue nem pensar não quero manchas na furgoneta

e de cada vez que falávamos não uma voz apenas com tanto cimento oco por ali, uma segunda voz palavras truncadas, uma terceira sílabas somente que se reuniam e afastavam, aqui confusas acolá

nítidas, em certos momentos num timbre que eu não entendia, entendia o homem

– A minha filha não

numa voz mais difícil, mais fraca, primeiro de pé, a seguir de joelhos, depois sentado, os olhos parecidos com os do meu pai doente que não me viam a mim, viam fosse o que fosse antes de mim e depois de mim a que chamavam

– Filho

que ora brincava, garoto, com embalagens vazias no chão ora o fitava, crescido, ao lado de uma cama de hospital, tornado menos nítido pela luz da janela, o espelho que levantava até à sua cara e o aparentava a um ele muito antigo que uma ocasião a prima lhe mostrou e não conhecia, quando lhe toquei na mão afastou-a com medo de mim, o meu pai que morreu a fugir-me, recuando no interior de si mesmo para onde não podia alcançá-lo e então desdobram-lhe um biombo à volta e perdemo-nos para sempre, ainda vi o seu perfil por um rasgão do plástico, farripas despenteadas, o nariz subitamente estreito, as gengivas na boca aberta, as orelhas, a testa, quis dizer

– Pai

e não consegui por não entender o que

– Pai

significava, dizer

– Sou eu

e não consegui por não entender o que

– Eu

significava, a minha mãe abraçou-me a chorar mas a chorar porquê, o que se me afiguravam milhares de cadelas de olhos atribulados fugindo de milhares de cães de cinco patas, na manhã em que o meu cunhado faleceu foi ele mesmo quem me acordou ao telefone, ele todo no interior da minha orelha

– Morri

e a pequena que divide a cama comigo a afastar-se de mim

– Agora nem penses que estou a dormir

e estava a dormir de facto, com uma alça no ombro e a outra a escorregar braço abaixo, cercada de sementinhas peludas que me chamavam sorrindo

– Menino

mostrando-me um pacotinho de bolachas no bolso do avental e um par de botas engraxadas enquanto a minha mãe, preocupada comigo na garagem

– O que se passa filho?

a voz muito antiga da minha avó a insistir

– Menino

e uma voz recente cada vez mais fraca, mais lenta

– Não façam mal à minha filha

que parecia mirar-nos, junto a uma bicicleta esquecida, os olhos quietos, a boca um outro olho aberto também, meia dúzia de automóveis na garagem no meio de rectângulos pintados a tinta branca no chão, silêncio, não, uma torneira a pingar na sombra, cada gota um estrondo no cimento e nós atentos às gotas, a pensarmos de cada vez que uma delas explodia

– Quando virá a próxima?

o irmão do doutor

– Metam-no na furgoneta e vamo-nos embora depressa

porque de certeza outros automóveis a chegarem, porque de certeza, era uma questão de tempo, um vizinho a abrir a porta que conduzia aos elevadores para colocar garrafas vazias nos caixotes de plástico do lixo, tão monótona a vida de facto, tão igual para toda a gente, pelo menos no que me diz respeito, vá lá, ainda tinha o bilhar e o pavor que o bilhar se tivesse acabado para sempre assustou-me, o meu colega à minha espera vibrando com as sacudidelas do motor, dois automóveis, o do irmão do doutor e o do ervanário lá ao fundo, onde havia mais sombras, uma bicicleta de montanha cheia de mudanças que me apeteceu experimentar, a filha do homem quieta, sem lágrimas, eu para o irmão do doutor

– Deixamo-la aqui?

o ervanário a apanhar chaves e uma carteira do chão, para o meu colega e para mim

– Estão à espera de quê?

de modo que nós dois cá atrás na furgoneta, o que eu não dava por umas tacadazitas agora com o corcunda voltando à minha mesa a seguir a um macê em condições, depois do meu cunhado a minha irmã não tornou a casar, pelo menos é o que diz nas cartas mas quem acredita em mulheres, e daí pode ser, mais velha dez anos, talvez só um preto lhe pegue e mesmo assim, além de que no Luxemburgo, penso eu, não há se calhar mesas de cemitério, enterram as pessoas à matroca, as luzes da furgoneta, durante a manobra para nos dirigirmos à saída, descobriram a miúda, por um instante quieta, a olhar-nos, não aos gritos, não espantada, quieta apenas, nunca tive paciência para crianças, eu, quando a pequena que mora comigo me começou com conversas cortei-lhe logo as vazas

– Queres voltar para o minimercado?

e deixei-a às fungadelas na cozinha, com as minhas pantufas

– Os saltos a tempo inteiro matam-me

a preparar as cenouras da sopa, a filha do homem diminuiu na garagem conforme nos afastávamos, há ocasiões em que me pergunto se a mãe apareceu a buscá-la ou continua no mesmo sítio sozinha, como já disse que as crianças me aborrecem foi a minha voz, não eu, palavra de honra que não tive nada com isso, quem perguntou ao ervanário, preocupada

– Não se avisa a família que ela está ali?

como foi a minha voz, não eu, a decidir o assunto

– A miúda que se amanha

e passe o resto da vida abraçada a um boneco, andam o tempo inteiro abraçadas a bonecos, se a gente lhes perguntar, raios as partam

– Como se chama o teu trambolho?

viram-nos as costas a esconderem-se de nós, claro que me irritei com a minha boca

– Deixa-me em paz palerma

e o ervanário e o meu colega calados, a minha boca, que não tornou a vê-la, volta não volta pensa no que lhe terá acontecido e não me deixa em paz, a mim que não me interessa um pito o que lhe sucedeu,

até pode dar-se o caso de continuar na garagem a procurar o homem que segue atrás de nós, deitadinho, tranquilo, a fazer oó, também nas tintas para ela, tivemos que lhe dobrar as pernas e a cabeça para caber aqui dentro e ao deitar-lhe a cabeça percebi que respirava ainda, não entendo o meu cunhado porque em geral as pessoas demoram tempo a morrer, teimam em agarrar-se à vida e o que vale a vida, quem é feliz neste mundo ponha o dedo no ar, a mesma monotonia sempre, sopa de cenoura e este peso nos rins, durante o bilhar melhora mas se me inclino muito, com um dos joelhos em cima da mesa, começa logo a picar-me, o médico do posto

– Tem um nervo entalado

e receitou-me pastilhas convencido que as pastilhas iam lá com o dedinho desencravar aquilo, ainda hoje volta e meia, quando menos espero, a minha cabeça me vem inquietar com a miúda da garagem para a qual a sementinha, esquecida da minha pessoa, sorri, não é o facto de sorrir que me irrita, é esquecer-se de me sorrir, se por acaso lhe tocasse a chamá-la um soslaio de censura

– Menino

e as botas do meu avô sem graça, ao acaso no chão, descuidadas, sujas, com as meias enfiadas dentro, ou seja o mundo desinteressado de mim, eu sem passado, agarrado a um boneco inútil numa garagem vazia, à procura da porta para os elevadores sem a encontrar, à procura das escadas para casa e não existem escadas, existe o meu pai a pedir

– Não façam mal ao meu filho

existe o ervanário voltando-se a olhar-me

– O que se passa contigo?

o corcunda vendo-me falhar lances no bilhar

– Perdeu-lhe o jeito o palerma

não desgostoso, intrigado

– Afinal não vale um tostão furado que coisa

a pequena que mora comigo a afastar-se mais

– Agora nem penses que já estou a dormir

escapando de campa em campa, de olhos atribulados, enquanto os meus trezentos dentes a procuram sem a achar e as árvores tão negras lá

fora, a manhã que não vem, vem o ervanário, por ordem do doutor, mandando-me resolver as cobranças difíceis, umas alturas sozinho, outras com o meu colega, o gabinete caro no primeiro andar da empresa enquanto a furgoneta se aproximava do armazém num terreno baldio, um sujeito bem vestido no corredor antes do gabinete, tapetes, porcelanas, quadros em molduras de talha, uma mulher nua, de mármore, numa espécie de coluna prateada, o sujeito bem vestido a fitar-nos zangado

– Alguém os autorizou a entrarem aqui?

e o meu colega a afastá-lo sem o ver, o meu colega e eu dois cães de cinco patas, vagabundos, sem raça, que trotavam de dentes só um bocadinho à mostra, no gabinete mais tapetes, mais porcelanas, mais quadros, mais estátuas, uma mesa de pé de bronze, um sujeito calvo com um alfinete de gravata de pérola e uma senhora nova, bem vestida, a mostrar-lhe papéis acariciando-lhe a mão, a miúda na garagem ainda, penso eu, quieta, em silêncio, tão diferente do meu pai a chegar de madrugada a tropeçar nos próprios passos

– Cabrões

derrubando uma cadeira, derrubando a estante das fotografias e a minha mãe numa súplica, com medo

– Augusto

cercada de sementinhas que lhe bailavam em torno sem conseguirem protegê-la, o meu pai tombando no soalho por não alcançar a poltrona a exigir

– Mais um copo

a senhora bem vestida para o meu colega e para mim

– O que é isto?

pronta a escapar-se diante de nós, de campa em campa, rodando os olhos atribulados, o meu colega para o sujeito calvo que não acariciava mão nenhuma agora, a tentar amaciar-nos

– Não querem sentar-se?

à medida que eu lhe poisava uma palma amigável no ombro, a sossegá-lo

– Isto é uma visita rápida senhor engenheiro vimos só buscar o que deve ao cliente do doutor

com a furgoneta já a sair da cidade a caminho do armazém e o meu colega e eu no banco cá atrás, junto ao homem que prendemos com um pedaço de fio eléctrico, os sapatos dele melhores que os meus, a roupa também apesar de rasgada, com nódoas, cada vez menos prédios, vivendas, quintalecos, as primeiras árvores, um circo pobre a que retiraram a lona, pareceu-me que uma jaula com um bicho qualquer, a pequena que mora comigo

– E mesmo depois de dois anos a aturar-te não queres casar?

há momentos em que a acho bonita, outros nem por isso, quando fala a metade esquerda dos lábios aumenta mais que a direita, toda a gente, desde o engenheiro do escritório ao homem na furgoneta, mais rica do que eu, mesmo o doutor, claro, o irmão do doutor, o ervanário, a minha boca a pensar na miúda da garagem enquanto eu não me lembrava dela sequer, além da blusinha amarela sei lá o que tinha posto, além das sandálias sei lá o que calçava, além do cabelo loiro eu que esqueci a cor, depois de amanhã visito os meus pais, quer dizer talvez visite, quer dizer não visito, experimento a medo ir ao bilhar na esperança que a mesa de jogo se transforme em mesa de cemitério e uma cadela aflita passe a trotar junto a mim seguida por um bando de cachorros de cinco patas e trezentos dentes, enquanto

(é primavera)

dúzias de sementinhas surgem sei lá donde, dos arbustos acho eu, de uma moradia isolada a seguir a prédios pobres, depois de descer escadas para um corredor meio escuro e subir dois pisos lá atrás, com roupa descolorida num fio, uma mulher a sacudir toalhas e na entrada do segundo andar, ao batermos à porta, um ruído de pantufas que se aproximavam a custo, uma frase vagarosa, cansada

– Já vou

o giro de uma chave, gonzos a saltarem a custo, um sorriso, apenas um sorriso ou seja uma sementinha a soprar-nos um sorriso

– Menino.

“Um autor com uma facilidade prodigiosa para enlaçar obras-primas,  
que dentro de cinco mil anos, em argila ou em pó de estrelas,  
continuarão a ser lidas com paixão.”

*El País*

		ISBN 978-972-20-6607-5  9 789722 066075
<a href="http://www.leya.com">www.leya.com</a>	<a href="http://www.dquixote.pt">www.dquixote.pt</a>	Literatura Lusófona